

# RONDON — O PATRONO DAS COMUNICAÇÕES

CARLOS ALBERTO FERNANDO FEZER

Aluno do 4.º ano do Colégio Paranaense — Curitiba/PR

O presente artigo foi um dos vencedores do concurso literário RONDON — O PATRONO DAS COMUNICAÇÕES, instituído pela 5.ª Cia Com (CURITIBA — PR) com autorização da 5.ª RM/DI, para estudante do nível médio e que alcançou ampla repercussão estadual.

Por que 5 de maio foi escolhido para ser o Dia das Comunicações?

Mais que uma homenagem, é um preito de reconhecimento ao Marechal Cândido Mariano da Silva Rondon, na sua data natalícia.

O Dia das Comunicações entra para o calendário do povo brasileiro, como um justo tributo a Rondon, o naturalista, o filósofo, o cientista, e o audaz e competente explorador do nosso território.

Rondon foi o comunicador por excelência, para quem servir era a melhor forma de atingir o ideal que o consagrou: levar as comunicações e o entendimento aos mais recônditos e distantes pontos do Brasil e assegurar, assim, a união de todos os brasileiros.

Ano após ano, o Dia das Comunicações deverá representar, para nós, tempo de meditação sobre o passado, presente e o futuro das comunicações nacionais.

Trabalhamos hoje, para dar às futuras gerações melhores meios e maiores facilidades para a solução dos problemas nacionais, e os de cada um. Não podemos, no entanto, perder de vista as lições que Rondon nos legou, através da sua vida e da monumental obra de integração nacional que produziu.

Os homens de comunicações de hoje, seguindo o exemplo de Rondon e removendo toda a sorte de obstáculos, estão levando as comunicações e os benefícios delas decorrentes aos irmãos brasileiros de todos os quadrantes. Devemos ter sempre em mente que essa tarefa de aproximar os brasileiros e permitir que se entendam cada vez melhor, tem por objetivo levar a todos a mesma palavra de entusiasmo, para aqueles que hoje preparam o jubloso futuro do Brasil, que está chegando e que pertencerá às gerações que ora estão se preparando.

## CURRICULUM VITAE

Militar e sertanista brasileiro, nasceu em Mimoso, nas cercanias de Cuiabá, Mato Grosso. Seu pai era de origem luso-espanhola com mistura de índios guanás, a mãe indígena, descendia de terenos e bororos. Órfão de pais aos dois anos, criado e educado por um tio, estudou no Liceu Cuiabano, do qual seria mais tarde professor. Em 1881, sentou praça no Regimento de Cavalaria, em Cuiabá, requerendo em seguida matrícula na Escola Militar do Rio de Janeiro. Discípulo de Benjamin Constant, pertenceu à geração dos cadetes abolicionistas e republicanos. Positivista, desde a mocidade, pautou toda a sua vida de acôrdo com os princípios filosófico-religiosos de Augusto Comte, tendo ingressado na Igreja da Religião da Humanidade em 1898.

Nomeado em 1890 ajudante da Comissão Construtora de Linhas Telegráficas, chefiado por Gomes Carneiro, Rondon iniciou, a partir de então, seu trabalho de explorador dos sertões mato-grossenses, assumindo, em 1892, toda a responsabilidade da tarefa, sempre com a preocupação de não hostilizar os índios, respeitando-lhes todos os direitos e assegurando-lhes todas as garantias. Seu lema, que se tornou palavra de ordem para os soldados, era o seguinte: "Morrer, se necessário fôr, matar, nunca". Daí seu cognome de Marechal da Paz. E assim foi penetrando até o Paraguai e a Bolívia, que atingira em 1906, ligando-os a Corumbá e Cuiabá pelo fio telegráfico, chamado "língua de Mariano" pelos índios.

Em 1906, confiou-lhe o Presidente Afonso Pena nova missão: a de estender as linhas telegráficas até o Amazonas e Acre. Inicia-se, então, a mais importante etapa do desbravamento de uma imensa área do território nacional e da integração pacífica do indígena na comunidade brasileira. A par do reconhecimento geográfico, a missão Rondon empenhou-se em trabalhos lingüísticos, geológicos, etnográficos, botânicos e zoológicos. Em 1910, com a criação do Serviço de Proteção aos Índios, o sertanista passou a dirigi-lo, embora sem se afastar da Comissão das Linhas Telegráficas.

O Congresso das Raças, reunido em Londres (1913), aplaudiu com entusiasmo a obra de Rondon, apontando-a como exemplo a ser imitado "para honra da civilização universal". Em 1914, o explorador brasileiro recebia o Prêmio Livingstone, concedido pela Sociedade de Geografia de Nova Iorque, após a Expedição Científica Roosevelt-Rondon (1913-1914), da qual participara Theodore Roosevelt, deixando, a respeito, o seguinte testemunho: "A América pode apresentar ao mundo duas realizações ciclópicas: ao norte o Canal do Panamá; ao sul o trabalho de Rondon — científico, prático, humanitário".

Concluída a ligação telegráfica da Amazônia com o Rio de Janeiro, Rondon se empenha, a partir de 1927, no trabalho de ins-

peção das fronteiras, começando pelas Guianas e descendo pelo sul; trabalho praticamente terminado em 1930, na fronteira com a Argentina, quando foi interrompido pela Revolução. Reformado no posto de general-de-divisão, o Presidente Getúlio Vargas apelou para o seu concurso, nomeando-o para a Comissão Mista de delegados do Brasil, Peru e da Colômbia, que contribuiu para a solução do caso de Leticia (1934-1938), missão que cumpriria com ingente sacrifício, já velho e doente, e que lhe custaria a perda da visão.

Se fôsse possível medir o caminho percorrido por Rondon, segundo os cálculos do General Jaguaribe de Matos, seu antigo auxiliar, o resultado seria equivalente ou mesmo superior ao da circunferência da Terra, ou seja, cêrca de 40.000 km. O nome do sertanista brasileiro encontra-se inscrito, em letras de ouro maciço na Sociedade de Geografia de Nova Iorque, ao lado de Amundsen, Peary, Charcot, e Byrd, como o "explorador que mais se avantajou em terras tropicais".

Em 1939, Rondon seria o primeiro Presidente do Conselho Nacional de Proteção ao Índio. Nesse mesmo ano, o I.B.G.E. concede-lhe o título de "civilizador dos sertões". Chamado "Grande Chefe" pelos silvícolas, que ajudara a incorporar à nossa pátria, Rondon completaria a sua obra gigantesca como orientador de uma política indígena capaz de manter a unidade social da raça e garantir-lhe a sobrevivência em condições sociais compatíveis com a dignidade humana. A respeito de seu papel como indigenista, Rondon possuía 4 princípios, que orientam a política indigenista brasileira desde 1910, mas que constituem ainda a mais alta formulação dos direitos dos indígenas de todo o mundo.

O primeiro princípio de Rondon, "Morrer, se necessário fôr; matar, nunca", foi formulado no começo dêsse século, quando, de-vassando os sertões impenetrados do Mato Grosso, ia de encontro às tribos mais aguerridas, com palavras e gestos de paz, negando-se a revidar seus ataques, por entender que êle e sua tropa eram os invasores, e, como tal, se fariam criminosos se de sua ação resultasse a morte de um índio.

O segundo princípio de Rondon é o do "respeito às tribos indígenas como povos independentes" que, apesar de sua rusticidade e por motivo dela mesmo, têm o direito de ser êles próprios, de viver suas vidas, de professar suas crenças e de evoluir, segundo o ritmo de que sejam capazes, sem estarem sujeitos a compulsões de qualquer ordem e em nome de quaisquer princípios.

O terceiro princípio de Rondon é o de "garantir aos índios a posse das terras que habitam e são necessárias à sua sobrevivência".

O quarto princípio de Rondon é "assegurar aos índios a proteção direta do Estado", não como um ato de caridade ou de favor,

mas como um direito que lhes assiste por sua incapacidade de competir com a sociedade dotada de tecnologia infinitamente superior que se instalou sobre seu território.

Todos estamos prontos a reconhecer que êle foi o grande herói de nosso povo, a personalidade mais vigorosa, melhor definida, mais generosa que produzimos.

Aquela que indicamos ao mundo, dizendo: — "É o nosso herói, nosso orgulho". Este povo de índios, de negros e de brancos, que construiu uma civilização nos trópicos, através dêle exprimiu o melhor de si mesmo, de seus anseios de fraternidade, de paz e de progresso.

Por êle cresceu o próprio Homem, a própria Civilização se fez mais digna, revelando-se às suas vítimas mais desgraçadas por uma face cordial e humana.

O reconhecimento nacional e internacional da grandeza da vida e da obra de Rondon se tem demonstrado através de um sem-número de homenagens. Seu nome foi duas vezes recomendado por personalidades e instituições de todo o mundo para o prêmio Nobel da Paz, instituído para homenagear aos que mais fizeram pela fraternidade humana. Conferido a Rondon, teria o sentido de uma sábia, oportuna e ponderável contribuição para mobilizar a opinião mundial em torno do grave problema dos índios da América, da Ásia e da África, ameaçados em sua sobrevivência, tanto pelas condições de vida a que estão submetidos, como pelas dizimações que ocorrem, em seu meio.

No Brasil, muitas honrarias foram tributadas a Rondon. Duas, as últimas, por iniciativa do Congresso Nacional, dão a justa medida do orgulho do povo brasileiro por Rondon. Na primeira, seu nome foi dado a uma das unidades da Federação, o Território de Rondônia, antigo Guaporé, que êle foi o primeiro a devassar, e que, através de suas expedições, integrou-se na vida nacional. E, na segunda, a Câmara dos Deputados e o Senado Federal, em sessão solene, realizada conjuntamente a 5 de maio de 1955, conferiram a Rondon, por motivo de seu nonagésimo aniversário, as honras de Marechal do Exército do Brasil. Um raro Marechal vitorioso nas batalhas da Paz.

Mas, convenhamos, não basta cultuar o herói. É necessário saber o que cada um de nós vem fazendo para realizar os princípios de Rondon, de que tanto nos orgulhamos. Rondon não é reliquia para ser cultuada e ignorada em vitrinas de museus. Rondon não é bandeira-troféu para suscitar emoções cívicas em hora aprazada, e com efeito previsto.

Rondon é glória nacional. É, também, nossa responsabilidade de levar avante sua obra de amor e de trabalho, pela dignidade do Homem e pela grandeza dêste país.

A pesquisa para a elaboração da história sintética está entregue a cem alunos do segundo ano da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, os quais realizam seu trabalho como aplicação das noções de Teoria da História integrantes do currículo escolar. Elaboradas as monografias correspondentes aos cem tópicos em que foi dividida a história das forças terrestres do Brasil, serão elas entregues à direção do projeto respectivo, para revisão, complementação e redação final da obra. Possivelmente, no decorrer de 1972, estará a história sintética à disposição do público.

Simultaneamente, a Comissão de História do Exército Brasileiro organizou a pesquisa histórico-militar com vistas à elaboração da história de caráter enciclopédico. Isso impôs o desenvolvimento de um plano de pesquisa e a montagem de um órgão de processamento dos dados pesquisados. Este já está instalado e implantado, funcionando no 3.º andar do Quartel-General do Exército, no Rio de Janeiro (ala Marcílio Dias), onde serve também de seção de referência para a Biblioteca do Exército, no tocante aos assuntos de história das forças terrestres brasileiras. Os dados pesquisados em diferentes pontos do Brasil e no exterior, passam pela Comissão de História do Exército em Brasília, onde são revistos para remessa à Seção de Referência no Rio de Janeiro.

Para a execução da pesquisa visando a elaboração da história enciclopédica ou de referência, cogita-se do aproveitamento do Projeto Rondon, em novo setor de atividades, envolvendo professores e estudantes de História do Brasil e Biblioteconomia. À vista de experiência a ser feita este ano em Brasília, começará a ser desenvolvido plano de pesquisa a partir de 1972, dentro do Projeto Rondon e com outros pesquisadores que se disponham a colaborar.

Para estudar questões ligadas à elaboração e à divulgação da História do Exército Brasileiro, em especial a forma sintética, a coordenação do respectivo projeto promoveu a realização de um simpósio na Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, no primeiro semestre deste ano. Nêle se reuniram cerca de oitenta personalidades, na maioria civis, representando diferentes áreas da cultura nacional relacionadas com aquelas questões. O certame apresentou conclusões e sugestões de grande valia, as quais já estão sendo aproveitadas na execução do projeto.

Quando estiverem prontos os originais da obra sintética, serão entregues à Biblioteca do Exército, encarregada da sua publicação e distribuição.